

Afastada ameaça de escassez de energia

por Amarillis Bertachini
de São Paulo

A atual capacidade instalada de energia elétrica do País, de 54 mil MW, deverá aumentar para 75 mil MW no ano 2000, sendo 6 mil MW de crescimento no primeiro quinquênio e 15 mil MW de expansão no segundo quinquênio da década de 90. Essa é a previsão feita pelo diretor de planejamento da Eletrobrás, José Luiz Alqueres.

Dos cerca de US\$ 68,5 bilhões em investimentos previstos para atender ao aumento do mercado, 55% serão utilizados em obras de geração de energia, 22% na área de transmissão, 17% em distribuição e 6% em instalações gerais, eletrificação rural e serviços públicos.

A ameaça de racionamento de energia para 1994 já foi afastada pela redução da atividade econômica que, aliada aos programas de conservação de energia e ao aumento no preço da eletricidade, causou uma sensível queda na demanda. Segundo o diretor de operação de sistema da Eletrobrás, Lindolfo Ernesto Paixão, o consumo de energia este ano deverá crescer cerca de 2%, enquanto a previsão feita por volta de 1986 era de um aumento de 6% na demanda. Isso significa uma economia de 2.120 MW, uma vez que para atender a uma elevação de 6% na demanda seria necessário um acréscimo de 3.180 MW na capacidade instalada.

As atenções voltam-se agora para as áreas de transmissão e distribuição de energia. Segundo Alqueres, nos próximos anos haverá uma expansão apenas dos sistemas elétricos já existentes. A interligação das regiões Norte/Nordeste com o Sul/Sudeste não deverá ocorrer antes do ano 2000, afirmou o diretor.

De acordo com Ernesto Paixão, existem algumas regiões do País mais vulneráveis a interrupções no fornecimento de energia por estarem alimentadas por uma única fonte ou por um número de fontes insuficiente para garantir alternativas de abastecimento em caso de acidente nas linhas de transmissão. São exemplos o Rio de Janeiro, Brasília, Cuiabá e Minas Gerais.

EQUIPAMENTOS

Apesar da grande necessidade de investimentos do setor elétrico, as encomendas de equipamentos sofreram uma sensível diminuição nos últimos anos e o

mercado continua bastante retraído. Os fabricantes de equipamentos pesados para o setor elétrico estão ocupando apenas 54% de sua capacidade de produção, segundo dados da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib).

O diretor econômico da Abdib, Dalmo Magno Defensor, prevê que, com os ajustes que estão sendo feitos na economia, as encomendas deverão ser retomadas a partir de 1992. Isso será possível tanto pelo crescimento dos investimentos do setor estatal, que até lá já deverá estar com seus problemas financeiros em boa parte saneados, quanto pelo do setor privado, que tende a tornar-se um agente investidor do setor, explicou.

A abertura do mercado nacional, na opinião de Defensor, não significa qualquer ameaça às indústrias do País porque, segundo ele, elas estão tecnologicamente capacitadas para competir a nível mundial. Essa capacitação deve-se tanto à necessidade de desenvolvimento tecnológico interno para a construção das grandes usinas hidrelétricas no passado quanto pela forte presença de indústrias multinacionais no setor.

Na Asea Brown Boveri Ltda. — a quarta maior fabricante de equipamentos eletromecânicos, segundo a revista Balanço Anual — a ocupação da área de geração da empresa é de 60% da capacidade instalada. Na visão do diretor de marketing corporativo da ABB, José Augusto Marques, o setor elétrico não deverá colocar novas encomendas ainda neste ano. Ele acredita que o setor só retomará as compras no segundo semestre de 1991. A Siemens S.A., por exemplo — o segundo maior fabricante de equipamentos eletromecânicos, de acordo com a revista Balanço Anual —, está ocupando apenas 30% da capacidade de produção de sua fábrica de hidrogenadores e entre 60 e 70% da capacidade instalada nas áreas de transmissão e distribuição de energia. A última grande encomenda que a empresa recebeu na área de geração foram os seis hidrogenadores de Xingó, cujo contrato é de dezembro de 1982. A empresa está terminando negociações para um novo fornecimento de três hidrogenadores para a hidrelétrica de Nova Ponte, da Companhia Energética de Minas Gerais, no valor de US\$ 50 milhões.